

A POLÍTICA DOS INTELLECTUAIS NOS CONTOS DE PEDRO LLOSA VÉLEZ: RESENHA DE *A MEDIDA DE TODAS AS COISAS*

Pedro Barbosa Rudge Furtado – pedro.sonata@gmail.com
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Unesp, Assis, São Paulo, Brasil;
<http://orcid.org/0000-0002-4786-0716>

RESUMO: Objetivamos, nesta resenha, analisar como a política adentra tanto a forma como a mensagem dos contos de *A medida de todas as coisas* (2019), do autor peruano Pedro Llosa Vélez. Por meio de diversos recursos estruturais, as narrativas representam intelectuais inseridos em crises subjetivo-ideológicas. O tom subjetivo dos relatos elimina – ou a torna vinculado a psique dos protagonistas – a inflexão política dos contos, compondo, apesar da manifestação explícita de motivos sociais, econômicos e culturais, narrativas em que a modulação panfletária é dissipada, também, pela descoberta de si, pela ironia e pelo patético das situações figuradas. No que tange à política, baseamo-nos nas reflexões de Wolfgang Leo Maar (1982); a respeito da imbricação entre política e literatura fazemos uso dos pensamentos de Irving Howe (1987).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura sul-americana; conto; política.

VÉLEZ, Pedro Llosa. *A medida de todas as coisas*. Tradução de Antonio Fernando Borges. São Paulo: É Realizações, 2019. 263 p.

Logo na abertura de *A medida de todas as coisas*, livro de contos do escritor peruano Pedro Llosa Vélez (2019), há uma sentença, funcionando como epígrafe-guia dos assuntos tratados nas narrativas, do cineasta britânico Ken Loach (p. 7): “Todas as histórias humanas são políticas”. Conhecido por filmes bastante críticos das democracias sociais, e do liberalismo econômico aparentemente inerentes a elas, o cineasta constrói uma obra em que esse modelo capitalista engendra, por meio, sobretudo, do ângulo de visão das classes trabalhadoras, tanto crises de ordem coletiva quanto individuais. Especialmente na chave da tensão do eu, do “sentido individual-humano” inserido “na vida real no seu desenrolar cotidiano” (MAAR, 1982, p. 17) que se inscrevem as histórias de Vélez. Diferentemente das de Loach, no entanto, o autor peruano vasculha principalmente os costumes da classe média.

Poder-se-ia pensar que um livro com tal mote concebesse narrativas panfletárias, carregadas de uma cosmovisão de esquerda, compostas sem a devida atenção à linguagem, inseparável da criação literária. Entretanto, o autor edifica contos em que a situação socioeconômica, menos ou mais patente, dos modos de produção tece impasses subjetivos e conflitos psicológicos singulares – normalmente

incitando uma certa noção de que a desconexão ideológica¹ inviabiliza o trato íntimo – de acordo com o uso adequado de recursos linguísticos. Assim, Mario Vargas Llosa (2019, p. 260) afirma que os seis longos contos da coletânea são dignos de nota pois são vazados coesamente, principalmente na “arquitetura e [n]os pontos de vista com que as histórias são contadas.”

Cinco das seis narrativas curtas da coletânea enfocam sobretudo intelectuais em crise. Tal ponto de vista autoriza as diferentes vozes narrativas a construir uma teia de referências, senão sempre acadêmicas, provindas da alta cultura. Nas prosas, os conflitos são concebidos ou devido à soberba dos ilustrados, colorindo com certa ironia as páginas do livro, ou à fatal vitória da dinâmica capitalista sobre a ética do pensador. Investiguemos quatro contos da coletânea, a começar por aqueles que figuram o último tema. Nele, cabe investigar brevemente a quarta e a sexta narrativas da coletânea – “O cantador de feira” e “A medida de todas as coisas” – em que a depreciação do intelecto advém da (falta de) monetarização do trabalho cerebral.

N“O cantador de feira”, o editor da página de política de um jornal de direita deve lidar com a repercussão de um artigo mal elaborado, publicado, por decisão dele mesmo, em consequência do poderio financeiro do articulista. Concomitante ao imbróglgio do efeito de tal texto, o protagonista está às voltas com as dificuldades de sua vida amorosa.

Ao escolher tentar aproximar-se de uma jovem estagiária do jornal, aparentemente alinhada aos seus princípios valorativos, ele compreende que nem esse – fictício, pois provindo de uma pessoa não intelectual – alinhamento nem a beleza da mocidade são capazes de sustentar o trato com uma tola, de acordo com o seu ponto de vista. No instante em que o personagem constata que a mulher leu *O Aleph* de Paulo Coelho, não o de Borges, a voz narrativa em terceira pessoa, adentrando a mente do homem, assinala a inviabilidade do relacionamento: “mas você daria marcha a ré quando percebesse que teria que explicar tudo, desde o livro do Gênesis” (VÉLEZ, 2019, p. 162).

A narrativa “A medida de todas as coisas” envolve, mais uma vez, um intelectual em posição de conflito com um inculto; desta vez, um pensador acadêmico, Orlando, implicado em uma hercúlea pesquisa acerca da “influência devastadora” que o economista italiano Piero Sraffa “teria exercido sobre a guinada filosófica de Wittgenstein” (VÉLEZ, 2019, p. 220), é contactado pelo rico e pseudo-economista J. J. Carillo a fim de escrever, em coautoria, um livro-panfleto de princípios ultraliberais.

Nessa equação é manifestada uma tensão-chave, da qual derivam outros embates ideológicos-individuais de Orlando: ele, quase um keynesiano, poderia, sem ferir a sua moral, escrever uma obra de cunho econômico antitético ao seu? Decide que sim em consequência da sua modesta situação financeira,

¹ O conceito de ideologia usado nesta resenha está ligado ao seu “sentido fraco” e “difuso” atado ao campo semântico, principalmente, da “mentalidade”, do “ideário”, da “concepção ou visão de mundo” (BOSI, 2010, p. 74), não ao “sentido forte” marxista de falsa ideologia.

que iria prosperar de acordo com os pagamentos de Carillo. Dessa forma, com o intuito de, além de livrar-se da pecha ultraliberal, que o perseguiria na vida acadêmica, desvincular-se totalmente da feitura daquela obra, Orlando prefere vender os seus direitos autorais, tornando-se, assim, um escritor fantasma.

A interessante viravolta do conto ocorre quando, já tendo vendido a sua quota autoral do livro em questão, Orlando negocia, também, os direitos do seu manuscrito sobre Sraffa e Wittgenstein, acentuando uma espécie de terceirização do intelecto. Constitui-se uma relação de duplo parasitismo: do endinheirado que, com o objetivo de ser visto como ilustrado, compra o símbolo do conhecimento, e do intelectual que, procurando enriquecer, mercantiliza o seu bem mais precioso. Cria-se uma ideia, nem tão subterrânea, de que a medida de todas as coisas é o dinheiro; isto é, no fundo, o capitalismo estipula – mede – as relações entre os homens.

A instalação das divergências de visão de mundo, no entanto, estão melhor edificadas em duas prosas – “Só umas fotografias” e “Caçadores de ostras” – capturadoras do íntimo das relações afetivas de casais.

Em “Só umas fotografias”, o narrador em terceira pessoa empresta a sua perspectiva sobretudo para um professor universitário de política, que alicerça o tom ensaístico e intelectual da história lançando mão de diversas alusões eruditas. Todavia, a perturbação em que se encontra, *a priori*, está baseada em uma emoção deveras democrática: o ciúme. Ele é desencadeado quando o protagonista descobre velhas fotos íntimas da namorada com outro parceiro.

A princípio, o personagem principal identifica certa dose de traição anacrônica e inconsciente nas imagens, como se a parceira as tivesse guardado esperando a sua revelação. Ele compreende, aos poucos, que não existe um desejo de posse feroz sobre o outro, mas, sim, que as fotos suscitam uma tomada de consciência da sua bissexualidade recalcada pelos costumes sociais.

Amiúde, acompanhando os raciocínios do intelectual, constatamos a intelecção subterrânea e lateral sobre a satisfação das nossas pulsões. Dessa forma, no começo do conto, em que o personagem ainda se via heterossexual, é dito: “Se o cérebro não controlar as paixões, como Sócrates já advertia, vamos nos tornar prisioneiros de nossos apetites e não da nossa razão” (VÉLEZ, 2019, p. 16). Mais à frente, no momento em que se abre para o que antes era recusado, ele diz para a namorada: “Somos criaturas que raras vezes dizemos o que queremos” (VÉLEZ, 2019, p. 41).

A linha psicanalítica do discurso continua ao ocasionar no protagonista, na terapêutica do diálogo com a amada, a assimilação do eu obscuro, reprimido pela própria razão civilizacional e acadêmica que o contrapõe ao gozo. Finalmente, no final da narrativa, ele consegue dizer que o “prazer é justamente um dos principais motores da nossa existência” (VÉLEZ, 2019, p. 46). A conclusão ressoa na meta-história inserida no conto que cinde a linearidade da grande história. Na secundária, há a sugestão de que o mesmo personagem mantém um relacionamento com o antigo parceiro da (ex) namorada, que engendrou a sua

emancipação sexual. Assim, a política, no sentido da construção da heteronormatividade, é, no âmago de si, paulatinamente desestruturada no decorrer da história.

Já o terceiro conto, “Caçadores de ostras”, talvez o mais poderoso da coletânea, é narrado em primeira pessoa. Novamente encontramos um homem instável em seu relacionamento, especialmente devido aos preceitos da noiva. Em concomitância com a investigação psíquica do protagonista, à cata de saber se os atritos de visão de mundo justificam um rompimento – “[...] quero me separar de você porque não gosto da sua forma de ver o mundo. Isso era uma evidência ou soava como um pouco ofensivo?” (VÉLEZ, 2019, p. 93) – há o espaço como motivo de rememoração da infância. Assim, o protagonista compara a aparência e os costumes do local onde está na meninice e no agora da narração presentificada.

No espelhamento temporal é sugerido que o apreço pelas ideias socialistas não foi sedimentado tão somente através dos estudos do personagem, mas também em virtude dos acontecimentos da infância, em que havia a irradiação de uma solidariedade comunitária entre os integrantes do grupo social. No presente da enunciação, no entanto, aquele espaço foi tomado por rentistas.

A violência, simbolizada pela iniciativa privada em direção ao espaço edênico da infância, ecoa na saturação do convívio entre noivo e noiva em consequência dos seus antagonismos ideológicos. Enquanto o protagonista considera-se um socialista, a sua parceira – de acordo com a perspectiva do homem – celebra o investimento empresarial bem como uma sociedade com bases meritocráticas. O desajuste de mentalidades pode ser sumarizado em um trecho do monólogo interior do protagonista em que ele devaneia – como um desejo reprimido de ser o mais honesto possível, impedido na realidade – estar discutindo com a companheira. Na extrema sinceridade, quase tão somente entrevista no discurso do eu para o eu mesmo, ele diz:

Para você, seu cunhado é um administrador de sucesso que fez dinheiro graças a seu esforço ininterrupto, sua boa visão e sua coragem para correr riscos. Para mim, ele é um bobalhão e nada mais, um sujeito que soube usar bem seus sobrenomes e suas heranças para multiplicar seu dinheiro [...]. O que mais você quer? Nele podemos ver perfeitamente os desencontros pelos quais você e eu não devemos ficar juntos (VÉLEZ, 2019, p. 106).

Intrometem-se nas divagações pré-verbais do personagem principal ponderações acerca de estudiosos marxistas, sobretudo de Gerald Cohen. Ao mencioná-lo constantemente, incluindo as alegações do filósofo no meio de pensamentos acerca de sua vida privada, o protagonista desloca o campo de sentido das ideias de Cohen a fim de interpretar a sua própria situação singular. Assim, o ponto de vista de Cohen ajuda-lhe a consolidar – conjuntamente com os outros eixos do discurso tripartido do conto: a infância e o agora – a percepção de que o término é inevitável.

Em um ato insolente do protagonista, o término efetivamente ocorre. O seu desdém é constatado tanto na brevidade com que ele comunica a separação – unilateral, no caso, partindo sem avisá-la para Lima – quanto na modulação semântica de sua sentença final: “Tanto fazia, eu não voltaria a vê-la de novo depois daquele dia” (VÉLEZ, 2019, p. 118). Ora, o personagem age, então, à revelia dos desejos do outro num tom de egoísmo e intransigência característico daquilo que ele despreza: a ausência de sentido comunitário; dono da voz e da perspectiva da narrativa, o protagonista autoritariamente articula o término de um longo relacionamento, depreciando-o de forma pueril ao final do conto.

A descoberta do eu obscuro, a ironia e o espírito jocoso dos intelectuais em crise, especialmente nas duas últimas narrativas examinadas, edificados sob a atrativa forma do acúmulo de penetração de diversos discursos na malha textual, concebem contos políticos, em que, tomando emprestadas as ideias de Irving Howe (1987, p. 5), “ideias políticas têm papel dominante, ou no qual o *milieu* político é o cenário dominante”. No caso, a ambiguidade das ações dos ilustrados, os seus equívocos, as suas tentativas de explicação deturpada do mundo através da aplicação filosófica dos seus dramas etc. removem o ar de manifesto que poderia, mas não o é - assim como nos grandes filmes de Ken Loach – ser encontrado no conteúdo ideológico das narrativas.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. Ideologia: o nome e as significações. In: BOSI, Alfredo. *Ideologia e contraideologia: temas e variações*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 61-82.
- HOWE, Irving. *A política e o romance*. Tradução de Margarida Goldsztajn. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- LLOSA, Mario Vargas. A história de Peté. In: VÉLEZ, Pedro Llosa. *A medida de todas as coisas*. Tradução de Antonio Fernando Borges. São Paulo: É Realizações, 2019. p. 257-262.
- MAAR, Wolfgang Leo. *O que é política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- VÉLEZ, Pedro Llosa. *A medida de todas as coisas*. Tradução de Antonio Fernando Borges. São Paulo: É Realizações, 2019.

Title

The intellectual politics on Pedro Llosa Vélez's short stories.

Abstract

It is aimed, in this text, to analyze how politics enter the form and the content of the short stories included in *A medida de todas as coisas*, written by Peruvian author Pedro Llosa Vélez. Through several structural expedients, the narratives represent intellectuals inserted in subjective-ideological crisis. The subjective tone of the tales eliminates – or makes it tied to the protagonists' psych – the politics inflexion of the stories, composing, despite of the explicit social, economic and cultural motives, narratives in which the propagandistic is dissipated by the discovering of the self, by the irony and the pathetic of the represented situations. Regarding politics, we based our studies on Wolfgang Leo Maar's (1982) reflections; associated with the relations between politics and literature, Irving Howe's thoughts are used.

Keywords

South American Literature; short stories; politics.

Recebido em: 24/04/2020.

Aceito em: 16/06/2020.